

NEGÓCIOS DA CHINA

***Roberto Rodrigues**

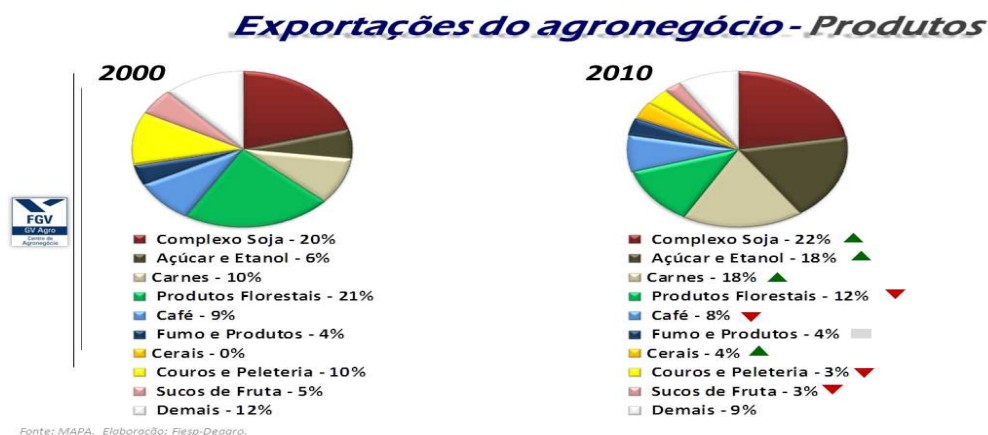
Os recentes estudos sobre a oferta/demanda global de alimentos e outros produtos agrícolas, realizados pela OCDE e pelo Reino Unido são convergentes e desafiantes: o primeiro indica que a produção de alimentos deverá crescer 20% em 10 anos e o segundo, muito alinhado, fala em 40% em 20 anos. E ambos colocam muita responsabilidade nas costas do Brasil. Os fatos de termos: uma grande disponibilidade de terras ainda agricultáveis; a qualidade de nossos produtores rurais, eficientes e competitivos; e a nossa excelente tecnologia tropical, nos colocam na linha de frente das grandes potências planetárias.

E há por trás disso um outro fator, que é a sustentabilidade de nosso agronegócio. Este tema é hoje uma das maiores preocupações da Humanidade: compatibilizar a preservação dos recursos naturais com o aumento necessário da produção de alimentos, fibras e energia. Os números falam por si: nos últimos 20 anos a nossa área plantada com grãos cresceu 29% e a produção, 166%. Isso se deve ao aumento de produtividade agropecuária por hectare, o que permitiu preservar 52 milhões de hectares de cerrados ou florestas. Números semelhantes são os da cana-de-açúcar: se tivéssemos hoje a mesma produtividade de quando começou o Proalcool, seria necessário o dobro da área atualmente cultivada com a gramínea. E não se pode esquecer da enorme redução da emissão de CO₂ que os carros a álcool realizam em relação aos carros a gasolina: 11% de emissão nos carros movidos a etanol.

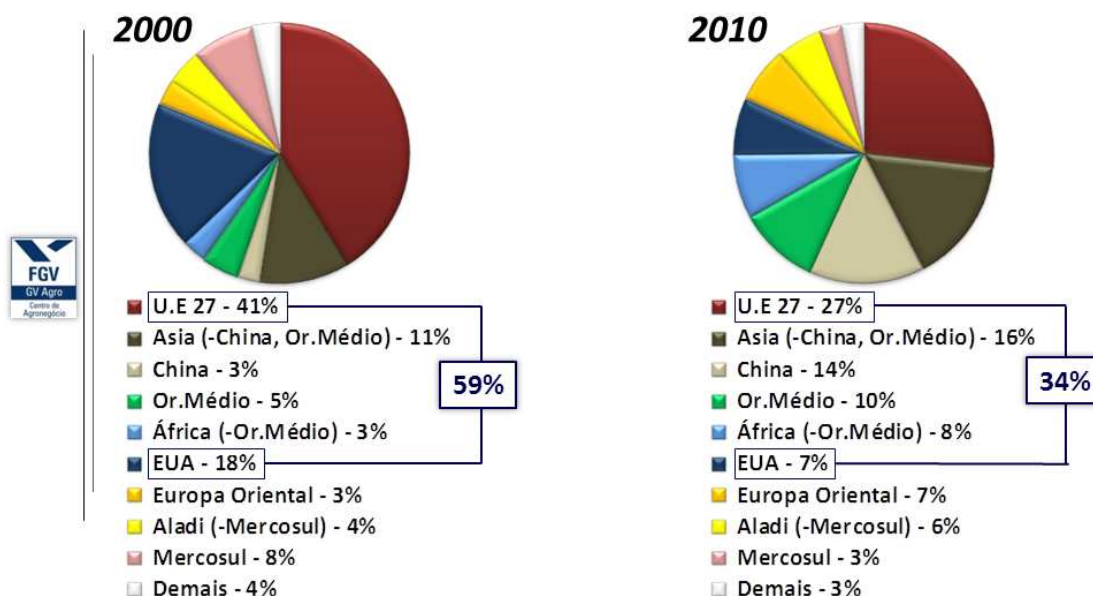
Portanto, o Brasil está recebendo responsabilidade histórica de se transformar na grande potência do agronegócio mundial, gerando riquezas, renda e empregos para milhões de brasileiros, empurrando a economia industrial e a de serviços para frente, agregando valor e verticalizando a produção.

Mesmo sem nenhum avanço nas negociações internacionais da Rodada de Doha da OMC, ou seja, mesmo sem redução alguma do protecionismo agrícola dos países ricos, estamos avançando no mercado global, tanto aumentando as exportações quanto diversificando os produtos exportáveis e os destinos de nosso agro, como se observa nos quadros 1 e 2.

Quadro 1



Exportações do agronegócio - Destinos



Neste cenário favorável, salta à vista o espetacular aumento de nossas exportações para a China: em 10 anos, de 3% para 14% do total exportado pelo agronegócio brasileiro.

A China vem se movendo no cenário global como um player cada vez mais importante. Já há quem diga que este protagonismo nos leva a um novo mundo, chamado “pós-ocidental”. A Índia, a Coréia e outros países asiáticos super povoados realmente deslocarão o centro dinâmico da economia mundial para aquele Continente.

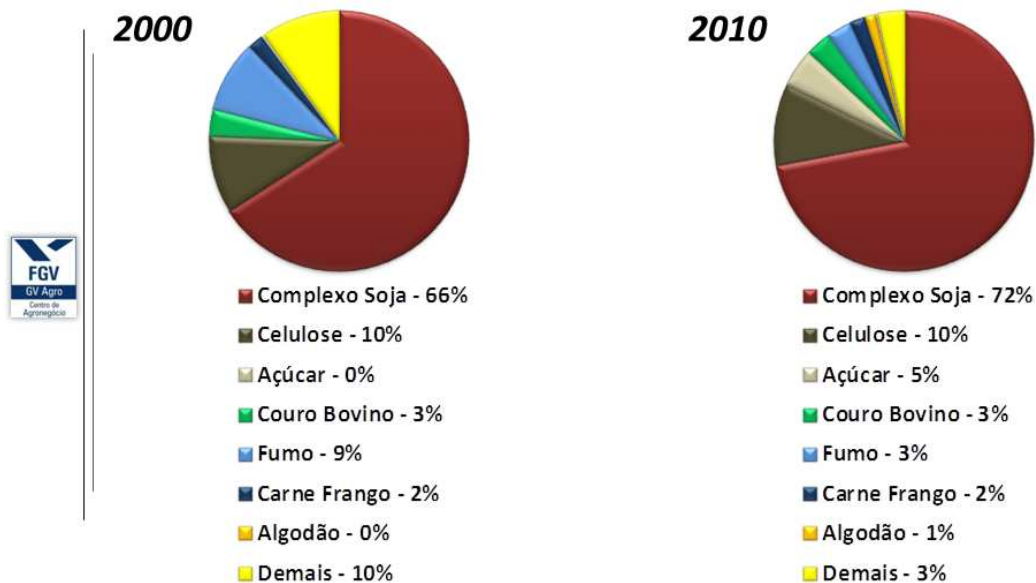
O gigantesco mercado chinês é objeto de desejo de produtores do mundo todo, e o Brasil não está fora deste cenário. Em 2010, a China foi o nosso maior mercado: 30 bilhões de dólares de exportação; mas, em compensação, importamos dela cerca de 26 bilhões de dólares. O problema é que nós exportamos majoritariamente produtos básicos, agrícolas ou minerais, e eles nos exportam quase só bens industrializados. Em outras palavras, agrega-se valor lá e não aqui, como desejamos.

Isto se deve a muitas razões, como o Custo Brasil: juros e impostos são muito altos aqui, e não apenas os salários comparados aos deles. Por outro lado, a China pratica a escalada tarifária em relação aos nossos produtos agrícolas, como é o caso da soja: só importam o grão, nada de óleo ou farelo. Além disso, criam problemas sanitários exagerados, como é o caso do frango. E mais o governo chinês mantém o câmbio desvalorizado.

No fundo, aquele gigantesco mercado potencial para nós só funciona mesmo para a soja em grão, como se pode ver pelo quadro 3.

Quadro 3

Brasil-Principais produtos do agronegócio exportados para a China

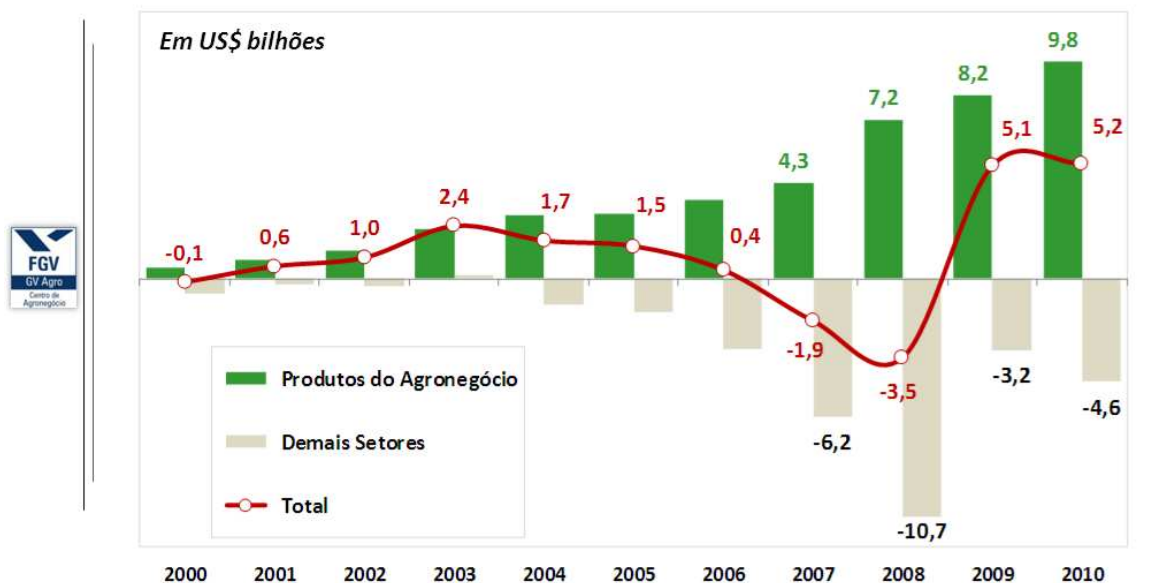


Fontes: MAPA e MDIC. Elaboração: Fiesp-Deagro.

E, pelo quadro 4 fica clara a prevalência do agro no nosso saldo comercial.

Quadro 4

Saldo do Comércio Bilateral Brasil – China o lado do Brasil



Fontes: MAPA e MDIC. Elaboração: Fiesp-Deagro.

Mas os chineses consumirão cada vez mais açúcar, leite, café, sucos, carnes, algodão e combustíveis líquidos (etanol), e precisamos estar atentos e ativos para captar seu mercado.

A Presidente Dilma Rousseff irá em abril próximo àquele país, e terá a oportunidade de abrir uma grande negociação para o futuro de ambos, China e Brasil.

Como a economia chinesa é toda centralizada e planejada, podíamos discutir com o governo de lá uma proposta de longo prazo, ousada e ambiciosa.

Eles nos diriam o que vão precisar importar doravante a mais, ano a ano, de cada produto agrícola. Nós estudaríamos que porcentagem de cada um (até mesmo 100%) poderíamos suprir. E faríamos um contrato de longo prazo, cuja premissa seria eles financiarem uma poderosa infraestrutura de escoamento da produção pelo Pacífico, que pagaríamos, securitizadamente, ao longo de 20, 30, 40 anos, com as exportações. Com isso mataríamos 3 coelhos de uma só cajadada: conquistaríamos o mercado chinês, montaríamos nossa logística e gerariamos enorme aumento de produção, empregos e renda para o país.

Claro que no projeto seria necessário abrir o mercado para produtos de maior valor agregado, industrializados, com redução de picos e barreiras sanitárias.

Não se trata de um projeto trivial. Ao contrário, é um desafio portentoso. Mas países do tamanho da China e do Brasil precisam mesmo pensar muito grande, para que ambos façam jus a seus destinos.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**